

VIVÊNCIAS DE RELIGIOSAS/OS NO MUNDO AFRO-BRASILEIRO EM GUARABIRA /PB

Ivonildes da Silva Fonseca (PPGS/UFPB e UEPB/CH)
Paula Maria Fernandes da Silva (Bolsista PROINCI-UEPB/CH)

RESUMO:

As práticas religiosas afro-brasileiras são importantes bases para a vida social de grupos que são historicamente excluídos, a saber, indígenas e negros. Este resumo apresenta, a partir do processo de “iniciação”, aspectos da vida de pessoas religiosas da Jurema, da Umbanda e do Candomblé na cidade de Guarabira/PB, entendendo que conhecendo a iniciação podemos compreender o processo de repressão sofrida e ao mesmo tempo a resistência construída .

AS DENOMINAÇÕES AFRO-BRASILEIRAS RELIGIOSAS EM GUARABIRA

Este texto resulta da pesquisa que vem sendo desenvolvida na cidade de Guarabira no estado da Paraíba. A partir do trabalho de campo com as técnicas da entrevista e da observação identificamos na referida cidade sete pessoas que trabalham com as religiões classificadas como mediúnicas ou de possessão (BIRMAN, 1983, p.7; VANDEZANDE, 1975):Jurema, Umbanda, Candomblé, Espírita (sem ser kardecista).

Identificamos em Guarabira sete pessoas que exercem funções religiosas no mundo afro-brasileiro. Nesse conjunto, apenas três identificaram que a sua primeira ligação religiosa foi com a Jurema ou com a Umbanda, uma recusou qualquer denominação, atribuindo a si a condição de ser espírita dotada de poderes sobrenaturais desde a sua infância, querendo se destacar perante todas as outras pessoas que ela sabe existir em Guarabira, como uma pessoa que é “mais abençoada, mais politizada e que está mais com Deus que as outras que estão com o Diabo”; três têm o Candomblé como a sua identidade religiosa de frente.

Desse conjunto de sete, retiramos para tratar neste texto partes dos processos de decisão à iniciação de quatro autoridades religiosas por entendermos como casos bem representativos de um grupo que ultrapassam impedimentos dos mais diversos para se tornarem pessoas com cargos religiosos.

A maioria das práticas revela uma ligação com uma forma religiosa que envolve santos católicos, caboclos, orixás, pretos velhos e outras entidades. É oportuno ressaltar que a identidade religiosa comporta geralmente duas formas religiosas sendo que a jurema vem em segundo plano embora a mesma goze de muita significação para as pessoas. As identidades predominantes, ou seja, as que são mencionadas ao primeiro contato é o Candomblé e a Umbanda.

A valorização da identidade do Candomblé se dá devido ao processo deflagrado no Brasil de valorização dessa religião, a reafrikanização, a partir dos anos de 1970. A partir desse momento, verifica-se o fortalecimento das práticas religiosas do Candomblé, sendo esta forma vista como a idéia de “pureza” e elevação.

A repercussão da reafrikanização em Guarabira virá, principalmente, do estado do Rio de Janeiro, uma vez que muitas pessoas vivenciaram nesses anos o fluxo migratório na rota Nordeste- Sudeste e conseqüentemente a sua iniciação. Assim alguns juremeiros fazem a sua iniciação ou renovação no Candomblé. Todavia, as práticas e crenças da Jurema são mantidas, embora nem sempre declaradas, mas se põem à observação.

A Jurema tem sido referenciada como originária da sociedade nativa localizada na região de Alhandra/Pb. Suas entidades cultuadas são: os Mestres, os Caboclos, os Índios, os Preto-velhos, os Exus e as Pombas-gira; seus toques são compostos por giras com danças e coreografias específicas das entidades. As giras são abertas com Deus e Nossa Senhora e se fecha com eles. (SANTIAGO; PEIXOTO, 2007; VANDEZANDE, 1975).

A migração para o Candomblé ou para a Umbanda sob a forma de renovação de iniciação devem ser entendidas como uma das resistências das mais importantes. A migração para a Umbanda levou a uma fusão notada quando na sua identificação religiosa, a pessoa informa ser da Umbanda com Jurema. Para o entendimento dessa resistência devemos levar em consideração o retorno à memória coletiva que para Halbwachs (apud ORTIZ, 2006, p.137; BASTIDE, 1972, p.XIV) tem duas dimensões: o tempo e o espaço. Com relação “à temporalidade”, diz ele: “Praticado no presente, o ato mnemônico evoca as lembranças pretéritas. O tempo é a sua matéria.” Com respeito ao espaço, há para Halbwachs a necessidade de “encarnar-se em num lugar”. Ortiz lembra que Bastide explicava “como as crenças dos negros pode se reproduzir em distintas regiões do Brasil e da América Latina, em condições tão desfavoráveis de desenvolvimento” (...). Bastide partia da idéia de que: “essas crenças constituem uma

memória que se fragmenta com o tráfico negreiro. Enquanto superestrutura simbólica, para existir, ela necessita, por, encontrar um ‘nicho’ espacial para se materializar. O Candomblé brasileiro e o vaudou haitiano são esses nichos” (ORTIZ, 2001, p.66).

Assim, cabe interrogar, se a Jurema não seria um nicho? Evidente que a interrogação foi processada considerando uma menor proporção espacial geográfica e tomando a classificação existente entre religião universal e particular, a partir da mobilidade de cada tipo. “O universal associa-se à idéia de mobilidade enquanto o particular tenderia ao enraizamento” (ORTIZ, 2001, p.59).

É através dessa memória coletiva que as formas religiosas afro-brasileiras são edificadas e possibilita que as pessoas oprimidas se fortaleçam como gente construtora de perspectivas de futuro, de esperanças e de força vital. Nesse processo, a iniciação é um passo importante, não obstante o enfrentamento do preconceito manifesto em vários ambientes, família, vizinhança, ambiente de trabalho. O processo iniciático, na maioria das vezes é acompanhado de intenso sofrimento.

FRAGMENTOS DO PROCESSO DE DECISÃO À INICIAÇÃO

A palavra “iniciação” remete a vários processos que segundo Bastide (1972, p.363-373) vai de uma lavagem de contas a uma feitura de santo e aqui nos remetemos ao processo de investidura de autoridade religiosa. Para tornar-se autoridade religiosa no mundo das religiões afro-brasileira algumas pessoas passaram por rituais próprios à iniciação, mas outras foram desenvolvendo a sua mediunidade em uma ligação direta com as entidades. Esse entendimento foi construído a partir das entrevistas.

Apreciemos os fragmentos do processo de decisão para iniciação de pessoas religiosas com nuances diferentes. Há pessoas a quem foi conferida a autoridade em cerimônias públicas por intermediação de uma mãe-de-santo ou de um pai-de-santo e há pessoas que se tornaram autoridade em uma relação direta com as entidades, são aquelas que se dizem “nasceram feitas”, “nasceram com o dom”.

A Decisão para a Iniciação Religiosa no Candomblé

Entrevistamos um Pai-de-santo que foi iniciado no Candomblé de Angola nos anos de 1970, no estado do Rio de Janeiro. Disse ele: “naquela época, eu tinha 18 anos, eu não achava que era a minha, (...) eu gostava de Candomblé prá ver, mas

para ser praticante não, nunca aceitei. Aí de repente fui obrigado por conta da saúde.” .

Antes de fazer a sua iniciação este senhor relutou muito e a decisão foi tomada por força das circunstâncias :

Aí, foi acontecendo que minha vida foi caindo, caindo. A primeira coisa que fiz foi perder o emprego. Ah! isso é coisa normal! E a partir daí de perder o emprego, fui perdendo outras coisas, outras coisas na minha vida (...) não liguei também. Fiquei doente, interno, tinha um amigo que disse assim, vem cá você não acha que você sabe o que é? Porque não toma uma decisão, eu falei – é... Sendo assim vamos ver o que pode acontecer...

(ENTREVISTA, 2007)

O seu amigo então o auxiliou indicando uma casa, dando o endereço e credenciando a mãe-de-santo. O amigo disse: (...) “aí a gente vai, vou levar você lá, se você gostar, vê o que pode fazer. Fui lá, realmente gostei, e ela jogou e disse que meu problema era espiritual, não tinha nada com doença nenhuma. Aí, foi onde eu disse: é... sendo assim...”

A partir da sua decisão em fazer a iniciação, contou ele que sentiu

uma ventania ao contrário, veio tudo da mesma forma. Imediatamente eu arranjei um emprego, arranjei no jornal, jornal Gazeta de Noticias e o chefe, meu Redator lá era praticante das religiões e eu conversando com ele, ele disse assim – olhe eu vou dar sua obrigação, vou lhe dar o financeiro pra você fazer sua obrigação, pra você não, to dando para o orixá. E me dispensou, naquela época me dispensou, eu tava entrando no emprego, você veja ele me dispensou durante 40 dias pra mim dar a obrigação, eu dei a obrigação só que eu tinha um problema, eu ia trabalhar e ia quebrar algumas quizilas, só que naquela época da ditadura, bem mais difícil você chegar num local de Kelê de branco de cabeça raspada, Kelê ...e ele dispensou, conversei com minha mãe, ela falou assim – por conta do trabalho fomos jogar e ver a posição, ela jogou pra quebrar as quizilas. (ENTREVISTA, 2007)

Pelos dados que o entrevistado pontua em sua entrevista pode ser percebido que ele temia o novo código de normas a que estaria submetido, mas também o temor às dificuldades que teria de enfrentar frente a rejeição social a sua religião.

Com a intercessão da mãe-de-santo ele obteve concessões dos orixás com relação a algumas quizilas:

Aí eu entrava em igreja, trabalhava no jornal, então entrava em igreja, cemitério, polícia, tal, foi uma vida normal, parte de trabalho. Na vida espiritual, não, (...) ela sempre dizia – você tem cargo de santo(...), eu não quero, nunca quis – se você olhar seus irmãos, fulano, cicrano, estão abrindo casa de santo. (ENTREVISTA, 2007)

Outro momento de grande relutância desse religioso foi aceitar a sua destinação para ter cargo. Disse ele: “Foi assim até que em 92 eu tomei a decisão de vir de volta para Guarabira. (...) Mas não tinha a intenção de continuar na religiosidade aqui, meu Axé, meus Santo, ficou todo lá, aí minha esposa na época disse assim – e aí tu vai fazer o que? Vou construir um localzinho atrás prá mim botar meu Santo, não sei quando vai ser que vou buscar, mas vou construir, não quero mais nada além disso”. Aí você sabe como é às vezes a língua. Chegou um dia (...) que a minha esposa , disse:” fulano de tal tá precisando disso espiritualmente. Tá certo, você marca aqui, segunda-feira, aqui em casa, segunda-feira, aí outro dia, mas outro, mas outra segunda-feira, quando vi a casa tava cheia. (ENTREVISTA, 2007)

Na entrevista com uma mãe-de-santo iniciada no Candomblé obtivemos a revelação de que o seu processo de iniciação também foi de grande impasse entre a recusa ou a aceitação. Nas suas próprias palavras ela indicou:

A minha iniciação no Candomblé foi um pouco complicada, por que , na época, há 11 anos atrás eu não entendia, eu sabia da religião (..) Então eu já discriminei sim, a religião que eu estou hoje, porque eu falava como as outras pessoas, mas eu falava porque eu não conhecia, era leiga no assunto. Não tinha um certo conhecimento, então a situação era meio complicada, e outra que eu venho de uma família que era toda católica, toda minha família é católica, e só eu sou pessoa de santo né?!? Só eu que fui rodante, que entrei no Candomblé por acaso, eu não sei se foi por

acaso ou foi assim porque orixá quis. Juntando hoje com o pouco que eu conheço, foi porque o orixá quis. Porque eu tenho um filho, que agora ele já vai completar 12 anos e eu entrei no Candomblé justamente por conta dele. Ele ficou doente teve uma espécie, é assim, a doença dele os médicos não descobriam. Foi complicado eu levava ele ao medico de manhã, à tarde e à noite e não tinha remédio e não tinha cura para o meu filho. E a situação foi muito complicada, ela foi se agravando. Eu passei 15 dias com ele dentro de uma rede onde ele só fazia, é, só mexer os olhos e nada mais, não estava nem tomando nada, nem água. E nessa situação o último caso foi o Candomblé, né?!? Foi o último caso, foi a última coisa que eu fui procurar prá vê se tinha cura para o meu filho, porque minha família não aceitava em casa. Eu falei que se fosse pro meu filho ficar bom eu faria qualquer coisa. Então foi quando eu comecei, fui a casa de um candomblecista e chegando lá eu me apresentei e me explicou algumas coisas, e isso ai a gente, junto com o pessoal da roça, bateu um ebó no meu filho, e após o ebó ele ficou bom, né?!? Eu vendo que ele ficou bom, eu fui orientada pelo zelador que eu tinha que seguir a religião, que era dessa forma que o orixá queria, então eu com medo que acontecesse mais alguma coisa com meu filho, eu comecei devagarzinho, ai a ver e ai eu entre para religião. E foi imediato, porque eu já era rodante, tinha um segredo a mais, minha pontuação eu só fiz me dedicar, né?!? E agradecer porque hoje ele falta poucos meses para ele completar 12 anos e ele graças a Deus, de saúde ele é perfeito.(...) Daí eu segui e estou ate agora, né?!? Estou farto como filha de santo, rodante, começando o primeiro Yaô , até o Decá que eu tomei agora em novembro, que verdadeiramente de fato eu me tornei uma Yalorixá. Então eu só tenho a agradecer a Deus primeiramente que é tudo, principalmente a minha mãe de cabeça a Oyá, e estou satisfeita por ser candomblecista. (ENTREVISTA, 2007)

A partir do conhecimento do processo na Jurema e na Umbanda temos elementos que levam ao reconhecimento de que as diferenciações são marcantes.

A senhora que é identificada na cidade de Guarabira por parte de outras pessoas religiosas como Jurmeira e como tal goza de muito respeito e credibilidade, inicialmente se apresentou como religiosa da Umbanda complementando que era da .”Umbanda que pega Jurema”. Todavia, no decorrer da conversa ela confessou que era Juremeira e, observamos que essa era a sua identidade religiosa mais forte. Por exemplo, ao ser indagada quando dava “gira”. Ela foi reticente e ponderou que era mais de “atender” e que fazia a Jurema de Chão, atribuindo a esta modalidade uma força maior que todas as outras modalidades. A jurema, contou ela, tem caboclos. “Juremeiro é muito forte. Derruba qualquer um do Candomblé!” Reiterou que gostava de trabalhar com os mestres e o seu era o Mestre Carlos. À pergunta sobre o seu orixá, ela disse que “corta para Iemanjá e para Xangô”.(ENTREVISTA, 2008)

A iniciação dessa mãe-de-santo se deu aos 7 anos de idade. Ela rememorou que morava em sítio e um dia, “senti um negócio bater e ela caiu. Passou muito tempo “doida”, 2 meses, porque a sua mãe não queria por ser Católica. A mãe a levou para “tomar água benta na cabeça e não adiantou”. Por não haver melhora com as propostas católicas, a sua mãe “batia” nela . Disse que apanhou muito! ”.(ENTREVISTA, 2008)

Um dia, lembrou, ao passar por baixo de um pé de Jurema, ouviu 4 palavras que ela não pode revelar para ninguém, e as guarda até a hora da morte. Nesse pé de jurema, ela via gente. Nesse ínterim foi para João Pessoa e ao voltar, chegou em casa e recebeu Mestre Carlos. Desde então, passou a recebê-lo todas as terças e sextas-feiras.

O seu pai de sangue também era dotado de poderes ao que ela comentou: “pai era metido a sabido, jogava carta “mas eu é quem fazia coisas para ele”. ”.(ENTREVISTA, 2008)

Afirmou que é vidente e que gosta de trabalhar com velas coloridas. Relatou que muitos chegam doidos na sua casa e saem bons. Um dia, diz ela, uma mulher chegou amarrada de corda. Veio na ambulância de Pirpirituba. E o desfecho da história é o de êxito no auxílio prestado.

“Fez referência a um outro religioso que reside em Guarabira mostrando uma relação de boa convivência com o mesmo, fato evidenciado no comentário:” ele trabalha mais com oração e quando chegam alguns casos ‘pesados’, ele manda pra cá”. Ela fez questão de dizer que ele trabalha muito, induzindo a quantidade de tempo dedicado e à qualidade dos serviços.

Por várias vezes, essa senhora, mãe-de-santo enfatizou que “fica olhando” o que estão fazendo hoje em dia e demonstra insatisfação com o que vê. Por exemplo, constata que hoje, uma pessoa, só porque” botou um gavião, um pintinho no pé de Exu, é pai-de-santo!” “Deu um Abori de misericórdia, é pai-de-santo!!!” ”.(ENTREVISTA, 2008)

Com esse comentário ela revelou a sua seriedade com o processo de iniciação e que estranha a falta de cumprimento de pontos importantes nesse processo, embora ela tenha recebido o “dom” de nascença e desenvolvido a sua mediunidade com o seu pai de sangue.

O processo de iniciação do pai-de-santo Umbandista apresenta semelhanças com o da mãe-de-santo juremeira. Ao apresentar a sua filiação religiosa fez questão de frisar que “a rebeldia contra a religião da Umbanda estava demais”. Afirmou que não gostava do que fazem com a religião dele, apesar de ele não discordar da religião de ninguém. Disse: “Sou Católico e Umbandista. Nunca tive problemas com ninguém, com a polícia por causa de trabalho feito, nada”.

“Comecei aos 13 anos quando me levaram para o hospital , porque eu ia ficar louco. Me levaram para o hospital não cheguei a ser interno. Ao chegar foi atendido por um médico que disse que eu não tinha doença, mas mediunidade.” ”.(ENTREVISTA, 2008)

Nesse movimento foi receber orientação e tratamento por um pai de santo de Maceió/Alagoas.. Acerca da sua iniciação, ele, de forma reiterada informou que “já nasceu feito e que nunca foi iniciado por já ter o seu dom desde que nasceu. Por isso nunca recolheu ninguém, apesar de ter um caso que precisou levar para o quarto”, ressaltou. Explica que não foi formado por um pai, mas tem um Instrutor.

Não foi feito, já nasceu feito, sabe dos preceitos da Umbanda e jurema , dá as obrigações direitinho aos orixás e mestres. Faz 47 anos que atua na Umbanda , o que leva algumas pessoas a dizerem que “eu venho triunfando na Umbanda”. Comecei com Mestre Carlos. . No início da manifestação da sua mediunidade, sentia coisas diferentes, o que já era a mediunidade. Um dia foi informado por uma baiana (entidade) que era médium e que deveria desenvolver a sua mediunidade. A partir disso foi levado para um curador que o advertiu com a sentença: ou desenvolvia a mediunidade ou ficaria louco. Por causa disso foi levado ao médico (...). Na terceira vez, um médico lhe disse que seu problema era espiritual. ”.(ENTREVISTA, 2008)

É filho de Oxum com Orixalá. É Umbandista por convicção, pois foi escolhido

pelos orixás, mas também é católico e todos os anos, vai ao Juazeiro. Tenho a minha Romaria. Faz isso porque foi atendido por Padre Cícero e prometeu-lhe ir ao Juazeiro, sempre que estiver com condição. Faz isso devido a um pedido feito, ou seja, que os seus trabalhos na Umbanda corresse bem. Sua missão é ajudar o próximo, por isso, está sempre fazendo algo pelo outro. (...) Sobre o ritual, afirmou que toca para os orixás, mas toca mais a Jurema. ”.(ENTREVISTA, 2008)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as pessoas têm uma fala e um procedimento que comprovam a sua atuação como pessoas que, a serviço das entidades religiosas oferecem ajuda das mais diversas às diferentes pessoas que chegam às suas casas ou para lá são enviadas. Do auxílio prestado, notamos a predominância de casos que mostram descontrole emocional ou sofrimento mental e esses mesmos sinais foram os manifestados na vida da maioria das pessoas (quatro) entrevistadas e foram esses sinais que as levaram a ingressar na vida religiosa. Todavia, esse ingresso se fez com muitos obstáculos que em nosso ponto de vista tem uma carga forte de preconceito. Mas as iniciações foram feitas e é oportuno colocarmos que tomamos por iniciada as pessoas que passaram pela feitura de santo conforme preconizada pelo Candomblé e também consideramos iniciadas as pessoas que se consideram assim por ter trazido o dom “de berço”. Todas as iniciadas, hoje ocupando cargos demonstram uma sólida base esteada na fé que carregam nos orixás, caboclos, mestres dentre outras entidades.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Coleção Primeiros Passos 97

ENTREVISTAS concedidas a Ivonildes da Silva Fonseca; Paula Maria Fernandes da Silva, integrantes do PROINCI/UEPB, 2007-8

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. (org.) **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2007 p.119-147

ORTIZ, Renato. Anotações sobre Religião e Globalização. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.16, nº 47, out, 2001. p. 59-74 Disponível em: <http://www.anpocs.org.br> Acesso em: 21 de agosto de 2007

_____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. Disponível em: <http://www.antropologia.com.ar> Acesso em: 05 de junho de 2008.

SANTIAGO, Idalina Maria Freitas; PEIXOTO, Amanda Norberto. Toque de Jurema: ritual festivo religioso de tradição indígena. In: **Revista Virtual Arca da União**, Ano 3, nº 9, jun, 2007. Disponível em: <http://arcadaunião.org> Acesso em: 20/02/2008

VANDEZANDE, René. **Catimbó**: pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica. Recife: UFPE, 1975. Dissertação de mestrado apresentada ao P.I.M.E.S. do I.F.C.H. da UFPE